

# Recensões & Resumos

## O desejo da escrita

**BERNARDO, Gustavo.** *Redação Inquieta*. Rio de Janeiro, Globo, 1985, 188 p.

A redação é o assunto do dia. Aliás, sempre foi. Hoje, os concursos vestibulares redescobrem que escrever é preciso, cruzar não é preciso. Mesmo ontem, quando a escrita andava tão em baixa, a redação era assunto de manuais de ocasião, com fórmulas miraculosas para se preencherem as vinte linhas vestibulandas, desespero de candidatos. Esses manuais deram crias que por aí estão. Posso vê-las em qualquer banca de revista: *Como escrever cartas de amor, Como escrever bem em dez lições*, etc. Por que então ler mais um manual se, com todos esses e exatamente por eles, a escrita continua sendo uma dor de cabeça para a maioria das pessoas? Porque *Redação Inquieta*, de Gustavo Bernardo, não se propõe ditar normas, soluções mágicas ou técnicas infalíveis. Ao contrário, é um livro que deseja questionar esses procedimentos, através de uma leitura filosófica do ato de escrever, que envolverá uma crítica completa ao nosso sistema de conhecimento. Um livro muito bem-vindo, porque abala o nosso senso comum sobre a escrita e sobre o mundo. Uma "teoria ética" da redação, e não uma nova técnica.

O livro se divide em sete capítulos com subdivisões, sendo que o primeiro (intitulado ATO) dá as linhas gerais do trabalho que será desenvolvido nos outros. Vale a pena, então, segui-lo passo a passo.

No primeiro tópico, ENSINO, o autor

*"Eu quase que nada não sei. Mas descobri de muita coisa."*

Riobaldo Tatarana.

*ROSA, João Guimarães.* Grande Sertão: Veredas. 13. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979. p. 15.



lança a “verdade” contra a qual irá investir durante todo o livro, aquela que diz: escrever ou é questão de dom, ou de técnica. Esse pensamento do senso comum é, segundo Gustavo Bernardo, o que tem afastado o iniciante (seja ele estudante ou não) do ato de escrever. Propõe ele, então, além do dom e da técnica, uma terceira categoria, muito mais rica e, por isso, muito mais complexa: o desejo. “O ato de escrever é, primeiro e antes de tudo, a questão do desejo. Ora o desejo de os outros se reproduzirem em nós, através das palavras, ora o nosso desejo de nos reproduzirmos, nos multiplicarmos, nos transcendermos e, mesmo, nos imortalizarmos, através das nossas palavras.” (p. 6)

Como percorrer esse caminho? Vários serão os passos. No segundo tópico, TEORIA, o autor deixa claro que seu livro não é um manual de redação, mas uma reflexão teórica que busca sua articulação na prática. Nada de soluções, e sim perguntas.

Quais perguntas? Aquelas que, no terceiro tópico, ESPELHO, são apontadas como as fundamentais de todo ser humano: “Quem sou? De onde vim? Para onde vou? (...) O que estou fazendo aqui?” (p. 11). Se o homem pergunta, é porque não se sente completo, portanto não há resposta pronta que possa ser colhida como uma fruta. Não há A VERDADE. As respostas são processos: “Se admitirmos a resposta andando, esclarecendo ao mesmo tempo em que se continua duvidando, então estaremos sempre respondendo – sempre perguntando.” (p. 11)

Ler é buscar respostas. É também descobrir que o autor de um livro, o agente da escrita, também busca respostas para esse “Quem sou?”. O livro é um espelho para quem lê, porque busca o leitor ali a pró-

*“O compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano do concreto.”*

*Paulo Freire.*

*FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 4. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1981. p. 15.*

*“Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E eu estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!”*

*Riobaldo Tatarana.*

*ROSA, op. cit., p. 79.*

pria imagem. O texto, para quem escreve, é um espelho ainda mais drástico, porque busca seu reflexo no outro, no que lê. Assim, escrever é auto-afirmar-se diante do outro. É dar espaço para a *diferença* que me constitui para o outro e vice-versa. Essas são as funções de um diário (espelho do mesmo) ou de uma carta (espelho do outro) que estão também na base de qualquer texto honesto, seja “uma dissertação” ou “uma teoria”. (REDE, p. 16)

No quinto tópico, RASGO, Gustavo Bernardo aprofunda essa discussão, mostrando que é o desejo de auto-afirmar-se e a responsabilidade que isso acarreta que movem a nossa escrita, e não uma técnica estática que nada tem a ver conosco. “Clarear a redação implica chamar o outro a penetrar-me. Dispor-me a tanto é questão do desejo, ou de acirrada luta entre o desejo e o medo.” (p. 20)

Também não é a inspiração que vai nos ajudar, mas o rascunho, o “rasgo” como diz o autor. Um texto é um contínuo ato de “escrever-rasgar-reescrever”. É preciso aprender a desentulhar o caminho da nossa expressão. Isso se faz escrevendo, gastando as palavras aprendidas, que nos impedem de buscar nossos pensamentos genuínos: “As primeiras sentenças que fluem da cabeça e do braço são aquelas que se encontram na superfície de nós. São aquelas que nos transmitiram desde pequenos, as que ouvimos e lemos à volta, as que não são nossas, mas estão coladas em nós. Se elas forem rasgadas, surgem outras, que devem vir de outro lugar: um lugar em que as falas do mundo se transformam no cadinho fervente de um ego, e desde então são outras falas: as falas da-quele ego” (p. 21).

No último tópico do capítulo, FALA DO MUNDO, o autor mostra que escrever é compromissar-se com *uma* verdade, já

*“Todos esses que aí estão  
Atravancando o meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho !”*

Mário Quintana.

QUINTANA, Mário. *Poeminho do contra.*  
In: \_\_\_\_\_. Caderno H. 4. ed.  
Porto Alegre, Globo, 1983. p. 28.

que não existe a verdade absoluta. O mundo é uma dinâmica. Buscar uma verdade indissolúvel é dar uma visão estática desse mundo, é separar “verso e anverso”, bem e mal, certo e errado, maniqueísmo ocidental que Gustavo Bernardo faz questão de desmascarar no capítulo 3, MANIQUEÍSMO, depois de já ter feito a crítica dos métodos apriorísticos no capítulo 2, MÉTODO. O método deve ser a própria indagação, portanto não existe *a priori*, ele se faz em movimento.

No capítulo 4, ERRO, o autor vai mostrar, piagetianamente, a importância do erro para o aprendizado. O erro é criativo, por ser múltiplo. É o erro que nos mostra outros caminhos para outras verdades.

No capítulo 5, ESTILO, é questionado o estilo impessoal da ciência e o plural de modéstia, índices do que o autor chama de estilo autoritário. “O plural de modéstia costuma esconder a imodéstia arrogante de quem o usa.” (p.87)

No sexto capítulo, DIALÉTICA, a idéia de processo é retomada para mostrar a relatividade de vários conceitos: “Natural”, “Espaço”, “Tempo” e “Deus”. O conceito de dialética é recuperado da visão idealista hegeliana, para uma visão heraclitiana de *devir*, próxima do pensamento oriental, para o qual não há princípio ou fim, mas apenas processo, meio.

No último capítulo, ÉTICA, Gustavo Bernardo retoma sua proposição inicial, deixando claro que seu objetivo foi fazer uma crítica da visão estática que se tem do mundo e, por espelhamento, da redação, propondo uma reavaliação total de nosso sistema de conhecimento, que não é outra coisa senão a estrutura do nosso sistema de vida. “Se o que escrevo con-

*“Não se trata de ter ou não razão; trata-se de liberdade, liberdade para todos, liberdade para cada um, contanto que se queira, a igual liberdade de todos.*

*Ninguém pode julgar de modo categórico quem tem ou não razão, quem está mais próximo da verdade e que caminho é melhor para o maior bem-estar de cada um e de todos. A liberdade é o único meio para chegar, mediante a experiência, ao verdadeiro e ao melhor: e não há liberdade se não houver liberdade de errar.”*

*Errico Malatesta.*

*RICHARDS, Vernon. Malatesta, vida e ideias. Barcelona, Tusquets, 1977. p. 67. (A tradução do trecho utilizado é minha.)*

*“Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.”*

*Riobaldo Tatarana.*

*Rosa, op. cit., p. 460.*

*“Creio que se quisermos reformar o mundo e transformá-lo num lugar melhor para viver, não podemos só ficar falando sobre relações de natureza política, que serão inevitavelmente dualistas, cheias de sujeitos e objetos, e de relações entre ambos; e nem podemos falar dos programas repletos de coisas a serem cumpridas por terceiros. Na minha opinião, essa aborda-*

tribui para cada um cuidar da sua vida (cuidar direito, com vontade, com habilidade), vale a pena. Não sei se contribui. Desconfio muito de mim. De minha formação romântica, semi-religiosa, semi-tecnológica, semi-idealizada. Dos meus chavões e cacoetes. Somente o tempo e, principalmente, os leitores, poderão ir-me mostrando como valeu a pena. Ou não.” (p.182)

Marcus Bacamarte  
FAFI-BH

gem começa pelo fim e confunde o fim com o início. Os programas políticos são importantes produtos finais da qualidade social, que só poderão funcionar se a estrutura subjacente dos valores sociais estiver correta. Esses valores só estarão corretos se os valores individuais estiverem corretos. Para melhorar o mundo devemos começar pelo nosso coração, nossa cabeça e nossas mãos, e depois partir para o exterior. Os outros poderão imaginar maneiras de expandir o destino da humanidade.”

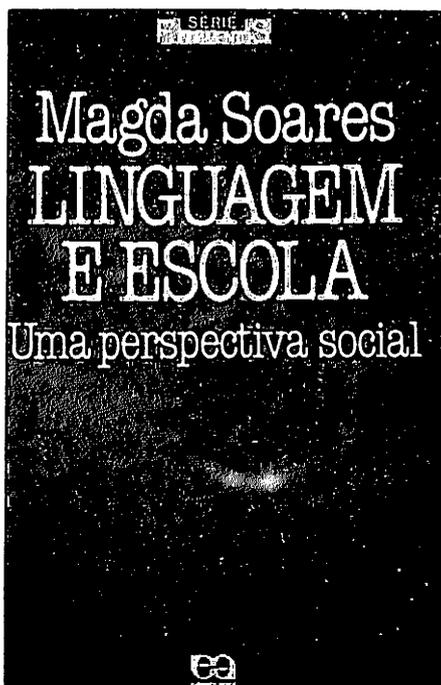
Robert M. Pirsig.

PIRSIG, Robert M. O zen e a arte de manutenção de motocicletas. Trad. de Celina Cardim Cavalcanti. 4. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1984. p. 283.

## Uma solução política

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo, Ática, 1986.

No estudo da língua e sua relação com a sociedade destacam-se dois fatores a serem analisados: a língua e o ensino. Se alguns lingüistas responsabilizam a língua pela divisão do trabalho, Magda Soares em *Linguagem e Escola*, analisando o ensino brasileiro, afirma que, “numa sociedade marcada pela divisão em grupos ou classes antagônicas, que se opõem em relações de força materiais e simbólicas, não há solução educacional para o problema do fracasso escolar; só a eliminação das discriminações e das desigualdades sociais e econômicas poderia garantir igualdade de condições de rendimento na escola”. E propõe, em termos mais amplos, uma escola transformadora, isto é, “uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econô-



micas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, atra-